



BIC-UCS

PERSEU E MEDUSA: A ESCRITA, AS MULHERES E O MITO.

A Desloucar-se! Coletivo de pesquisa em Análise do Discurso, Turismo e...
Abner Nodari (bolsista CNPq); Luciene Jung de Campos (Orientadora)

INTRODUÇÃO

A escrita – meio de linguagem articulada e cifrada – é reconhecida como uma das principais formas de significação humana. Escrever, portanto, como afirmaria o semiólogo Roland Barthes em 1973, passa por *tornar-se sujeito*. Enquanto os fatos políticos são determinados pela estrutura social, os psíquicos, por sua vez, são alimentados por ela, feitos à base de muito recalque e catexização pulsional. Essa dicotomia leva a diferentes maneiras de escrever-se como mulher e como homem. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar duas maneiras de escrita – divididas aqui como *escrita feminina* e *escrita masculina* – tendo como mito balizador o ceifamento de Medusa por Perseu.

DISPOSITIVO ANALÍTICO-TEXTUAL

À psicanálise, cabe o desvelamento do sintoma inconsciente. Ao coadunar-se com a posição textual, isto é, a representação de uma *escritura*, a posição epistêmica da teoria muda e, então, encontra um método: a análise de um discurso metapsicológico. Por tanto, conforme afirma Jacques Lacan (1969-70), o campo lacaniano pretende analisar o discurso em 4 posições: a da histórica, a do mestre, a universitária e a do analista. Essas direções possíveis ao discurso (ou, ainda, estes Quatro Discursos) serão tomadas como base de análise ao que será compreendido como *escrita masculina* e *escrita feminina*.

DISCUSSÃO I

O mito original de Perseu e Medusa reproduz a narrativa do ceifamento da mulher com a cabeça de serpentes pelo homem escolhido pelos deuses. Perseu corta a cabeça de Medusa porque confunde, como nos lembra Helène Cixous (2010), as cobras do cabelo com a língua. *A mulher é decapitada por abrir a boca*. Quais destinos esse mito reproduz ao que é visto como a *escrita feminina*, ou seja, a escrita feita por aquelas que são impedidas de dizer? E, portanto, quais consequências são apresentadas à ciência moderna que, via de regra, escolhe o discurso masculino, quer dizer, o dito que apresenta a certeza e a aquietação dos rumores? Ainda: haveria diferença entre o trato dado ao sensível (aquilo que é dito de modo feminino) em detrimento ao racional (ou, o masculino do discurso)? Essas problemáticas encontram respaldo em 2 articulações propostas por Lacan (1969-70): o discurso da histórica e o discurso do mestre.

$$\begin{array}{ccc}
 & M & \\
 \frac{S_1}{\$} & \rightarrow & \frac{S_2}{a} \\
 & & H
 \end{array}
 \quad
 \begin{array}{ccc}
 & \$ & \\
 \frac{\$}{a} & \rightarrow & \frac{S_1}{S_2}
 \end{array}$$

DISCUSSÃO II

Nesse sentido, desenham-se, ao menos, dois modelos discursivos importantes para pensarmos a diferença sexual: o *masculino* e o *feminino*. No primeiro, a relação com a verdade se concentra na posição da certeza, ou seja: o sujeito expressa seu conteúdo a partir daquilo que garante; no segundo, a posição da verdade é um norte, uma solicitação constante e processual para chegar-se a um possível entendimento. Ao transpormos essas diferenças à escrita, deparamo-nos com os seguintes pontos:

- Embora a enunciação sofra mecanismos diferentes de reprodução que a escritura, a posição do sujeito, em ambas, é constituinte de subjetividade;
- Na escritura, encontramos uma maior violência do discurso masculino, uma vez que o objeto analisado (isto é, a letra), repete-se tal e qual, diferentemente da fala onde a enunciação produz sempre um novo aqui e um novo agora;
- A escrita feminina, produzida a partir de uma aproximação com o modelo lacaniano do discurso da histórica, garante uma maior vazão ao eu do discurso. Isto quer dizer que a escrita feminina apresenta maior implicação do sujeito que escreve e se aproxima mais da representação ficcional, ou seja, a única possível (Barthes, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, a diferença entre o discurso da histórica e o discurso do mestre replica-se na escrita: a sexualidade — implicada e implicante no meio de constituição psíquica e política do sujeito — é o que garante a forma, a figura com que ocorre a tomada de *posição na linguagem*. Desse modo, aduzir que o discurso (no que toca tanto à enunciação como à escritura) produz nuances distintas de sexuação exibe-se como a análise responsável frente à realidade. É preciso não deixar escapar que Perseu ceifou Medusa por confundir sua língua com uma serpente: a fala feminina (neste caso, a escrita) está calcada no modelo de silenciamento masculino que exige espada e escudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barthes, R. (1973). *Mythologies*. Paris : Éditions de Points, 2009.
Barthes, R. (1988). *O rumor da língua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
Cixous, H. (2010). *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.
Lacan, J. (1969-70). *Seminário 17: o livro. O avesso da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

APOIO

